

# CRIMINALIDADE E USO DE DROGAS: OS RISCOS DO NEOLIBERALISMO

## CRIMINALITY AND DRUG USAGE: THE RISKS OF NEOLIBERALISM

**Marta Conte**

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP

**Maria Palma Wolff\***

**Carmen Oliveira\***

**Ronaldo Henn\***

\* Participantes do Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre Violência e Criminalidade da UNISINOS.

### RESUMO

Este artigo aborda o tema da criminalidade e do uso de drogas como decorrentes, dentre outros aspectos, do consumismo, presente no neoliberalismo, produzindo efeitos sobre as subjetividades na sociedade contemporânea. Buscou-se a análise da complexidade do entrelaçamento desses fenômenos em fundamentações no campo da psicanálise, da filosofia e da sociologia, visando subsidiar debates e políticas públicas. Para tanto, parte-se de leitura transdisciplinar de dados colhidos em entrevistas e em grupo de discussão, realizados com apenados que cumpriam pena em duas cidades da região metropolitana de Porto Alegre. Em tais atividades, os temas deste artigo tiveram presença preponderante.

### PALAVRAS-CHAVE

Transtornos relacionados ao uso de substâncias. Violência. Crime. Políticas públicas.

### ABSTRACT

This paper approaches the subject of criminality and drug usage as consequences, among others, of consumerism, as found in neoliberalism, having effects on the subjectivity in contemporary society. We have tried to analyze the complexity of the interconnections of these phenomena, based on the foundations of psychoanalysis, of philosophy and of sociology with a view to supporting debate and public policies. To achieve this, a transdisciplinary reading of the data collected from interviews and group discussions held with prisoners who are serving time in two cities in the greater Porto Alegre region serves as a basis. In these activities the subjects of this article were predominantly present.

### KEY WORDS

Substance-related disorders. Violence. Crime. Public policies.

## INTRODUÇÃO

O tema que situa este artigo analisa a criminalidade e o uso de drogas como decorrentes do consumismo e do neoliberalismo, com efeitos importantes sobre as subjetividades na sociedade contemporânea. Os dados utilizados para análise do tema foram colhidos na pesquisa Criminalidade e espaço urbano: as transversalidades da violência (2004), na qual escutou-se apenados, com o objetivo de conhecer a visão de mundo destas pessoas sobre temas como consumismo, políticas públicas, criminalidade, uso de drogas, entre outros. Os dados foram colhidos entre setembro de 2003 e maio de 2004. As entrevistas envolveram três apenados que cumpriam pena em regime fechado na cidade de Novo Hamburgo/RS, além de quatro entrevistas com apenados e um grupo focal com dez presos que cumpriam pena em regime semi-aberto na cidade de São Leopoldo/RS. Corroborando com outros estudos sobre a população carcerária, verificou-se que os sujeitos pesquisados originam-se de famílias numerosas, as quais enfrentam grandes dificuldades sócio-econômicas; apresentam precária escolaridade e registram história de trabalho precoce. Atualmente, não possuem qualificação profissional que lhes possibilite inserção no mercado de trabalho (WOLFF, 2005). Os delitos registrados foram contra o patrimônio e, de forma preponderante, assalto à mão armada. A maioria dos apenados do grupo de discussão já havia cumprido pena

em regime fechado, estando em regime semi-aberto devido à obtenção de progressão de regime. Entre as questões que emergiram da análise do material empírico colhido, destacasse a relação entre os processos de criminalização e as desigualdades sociais, bem como os ideais de consumo como construção identitária, a dificuldade de acesso ao trabalho e às políticas sociais. Este artigo vai centrar-se na relação entre criminalidade, consumo de drogas e consumismo.

O contemporâneo e os processos de subjetivação

Para situar as influências do contexto em que ocorrem os processos de subjetivação contemporânea, cabe situar que a sociedade pós-moderna tem sido análise de filósofos como Lipovetski (1983), De Munck e Verhoeven (1987), Bauman (1998), Castel (1999), Boltanski e Chiapello (1999), Gauchet (2002), Bruckner (2002), Dufour (2005), ou de psicanalistas como Chemama (2002), Melman (2003) Van Meerbeek (2003) e Lebrun (2004).

Com o triunfo do capitalismo, um novo modo de civilização se impôs, cujo slogan se traduz em “gozar a qualquer custo”. O modo de civilização anterior a este da modernidade era marcado pela poupança, pela sobriedade, pela ordem e o recalçamento. Cabe lembrar que, há poucas décadas, falar em bem estar individual (gozo) era tabu, hoje é um imperativo.

O fenômeno do consumismo, em especi-

al, situa-se como central no debate sobre as transformações contemporâneas, pois princípios e valores foram se configurando e delineando mudanças na visão de mundo, alterando os conceitos de felicidade e de relações de trocas, produzindo novos efeitos nas construções identitárias. Essas modificações se expandem e se visualizam de forma ampla nas relações de trabalho, nos espaços urbanos, na relação com o corpo, no convívio social, nas formas de comunicação e nas configurações familiares, entre outros aspectos. Como consequência, surgem novas manifestações do sofrimento psíquico, incrementando às subjetividades novos tipos de excessos e desamparos, tais como: estresse, pânico, transtornos alimentares, depressão, violências e toxicomanias.

Apesar de se falar em consumismo nos séculos XVII, XVIII e XIX, o sentido era completamente diferente do conceito moderno (FREIRE COSTA, 2004). Para compreender o significado das drogas e da violência no panorama contemporâneo, faz-se necessário analisar o fenômeno do consumismo moderno, entendido a partir das circunstâncias históricas do final do século XX e do início do século XXI.

A partir da cultura burguesa, é possível entender o consumo na perspectiva psicológica e cultural, expresso no culto ao intimismo e à personalidade. O progresso das técnicas de fabricação do vidro favoreceu o surgimento das grandes vitrines e das estratégias de venda, dando ampla visibilidade aos produtos. O núcleo da personalidade, neste contexto, estava tanto no interior sentimental quanto nos objetos comprados e exibidos. O indivíduo projetava suas peculiaridades emocionais nas mercadorias e, em seguida, adquiria-as como se fizessem parte de seu caráter permanente e interior. E, assim, o «comprismo» burguês desnudou o modo de produção material das crenças emocionais (SENETT, 1978). Portan-

to, é possível dizer que o consumismo surge como meio de construção de identidades, em que tanto mais poder adquirem os objetos, quanto mais o interior está esvaziado e exteriorizado.

Ainda, o mal-estar em nossa cultura convida-nos a uma análise do simbólico no tempo da pós-modernidade. Dufour (2005, p. 14) enuncia que o triunfo do neoliberalismo traz consigo uma alteração do simbólico. Há um preço a pagar pela esfera de aplicação do modelo de mercado, que se expande para bem além do domínio da troca mercadológica, altera o simbólico nas trocas humanas, questionando “os tempos áureos da grande antropologia do século XX (de Mauss a Lévi-Strauss, chegando a Lacan)”. E o preço a pagar por esta expansão é o enfraquecimento e até a alteração da função simbólica, em que a língua e os modos de falar se vêem afetados pela dessimbolização.

A questão da vida humana não se liga mais à busca do acordo com os valores simbólicos transcendentais representando o papel das garantias, e sim está ligada à capacidade de estar em acordo com os fluxos sempre móveis da circulação da mercadoria. Na medida em que a garantia simbólica das trocas entre os homens tende a desaparecer, é a própria condição humana que muda. Não é mais o mesmo sujeito que é exigido e o valor da vida fica em questão, quanto mais as relações de um se relacionam ao outro enquanto objeto e oferece-se enquanto tal. Não é de se estranhar que violências de toda ordem passem a fazer parte do cotidiano de todo cidadão.

Por outro lado, quanto mais se apregoa a emancipação, mais a liberdade é vivida com algo invasivo e angustiante. Cada um reivindica sua singularidade, recusando identificar-se com as imagens da universalidade. Assim, a era da individualidade toma o lugar da subjetividade. O sujeito dá a si mesmo a ilusão de uma liberdade irrestrita, de uma independência sem

desejo e de uma historicidade sem história, ele se toma senhor de um destino cuja significação se reduz a uma reivindicação normativa (ROUDINESCO, 2000). E, frente a tanta liberdade, o sujeito faz escolhas de servidão (JACQUES, 2003) e de auto-destruição.

Assiste-se, diz Roudinesco (2000, p. 15), nas sociedades ocidentais, a um crescimento inacreditável do mundinho dos curandeiros, dos feiticeiros, dos videntes e magnetizadores. “[...] toda sorte de práticas, ora surgidas da pré-história do freudismo, ora de uma concepção oculista do corpo e da mente: magnetismo, sofrologia, naturopatia, iridologia, auriculoterapia, energética transpessoal, sugestologia, etc.”.

Isto nos informa sobre as mudanças na civilização em curso, em termos de valores, e nada nos obriga a aceitar a servidão como saída.

A sociedade neoliberal quer banir de seu horizonte os efeitos que engendra, a saber, as consequências das desigualdades sociais, do consumismo, dos excessos, da morte, das violências e dos conflitos sociais, produzindo movimentos de reformas que não incluem, mantendo enormes segmentos da população em uma posição à margem do acesso a bens e produtos.

Daí surge, diz Roudinesco (2000, p. 18), uma concepção da norma e da patologia intangível: todo indivíduo tem o direito e, portanto, o dever de não mais manifestar seu sofrimento, de não mais se entusiasmar com o menor ideal que não seja o do pacifismo e da normalização, e tudo isto em detrimento das diferentes formas de exploração do inconsciente. Mas o inconsciente ressurgiu no corpo, nos *actings outs* e nas passagens ao ato e constatou-se “o relativo fracasso das terapias, que proliferam”.

As modificações da paisagem psicopatológica se constatam, também, nas formas de sofrimento psíquico, que envolve o consumo

de drogas e as delinquências, entre outros.

O uso de drogas e a criminalidade, em uma sociedade de consumo, freqüentemente aparecem na cena pública como ameaças, descontextualizadas de uma rede complexa de fatores econômicos, políticos, subjetivos, ligados aos ideais sociais de consumo (CONTE, 2005).

Alguns autores auxiliam-nos a pensar que o que é percebido como ameaça, na verdade trata-se de risco produzido como consequência do laço social. Estes fenômenos podem, então, ser considerados ‘restos sociais’ (GIDDENS; BECK; LASH, 1997), isto é, ações resultantes do controle social, mas que retornam e insistem em aparecer apartadas das razões de sua produção.

Estes restos, silenciados sobre sua origem, produzem riscos associados à vinculação do uso de drogas com a rede de tráfico e à fixação em um imaginário construído em torno da droga como «inimigo» a combater.

Aposta-se nas práticas democráticas, na participação social, nas terapêuticas pela palavra e na função do testemunho como experiência compartilhada. Testemunhar é tentar produzir significação para a catástrofe do homem moderno (COSTA, 2001).

Dufour (2005) chama atenção pela resistência através da recusa à mercantilização do mundo e dos sujeitos, e por uma recusa vigorosa da superioridade do objeto sobre a palavra.

## CONSUMISMO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Hoje, os indivíduos reconhecem-se e sentem-se bem interiormente quando cobertos de objetos e marcas, através dos quais conseguem se ver, identificar-se, como se estivessem reduzidos a uma ‘embalagem’, como se apresenta no depoimento a seguir:

Isso aí é só embalagem, mas é que a gente se compara, o fulano tem e eu não tenho, principalmente no meio de adolescentes, né. Nessa idade, a gente deixa se levar pelos bens materiais. O meu amigo tem, o pai dela dá e eu não tenho o meu pai pra me dar, então quem vai ter que fazer por mim sou eu mesmo, e a maneira mais rápida que eu tenho é cometendo algum delito (Apenado do regime semi-aberto que participou do Grupo de Discussão).

Verifica-se no depoimento que, especialmente na adolescência, as «embalagens» respondem à incitação ao consumo, e os adolescentes vêm-se tensionados entre a imensa oferta de bens a consumir e as precárias condições para sua aquisição. As “embalagens”, como refere o apenado, servem de apresentação identitária e reconhecimento social, e a comparação, em um contexto de extremas desigualdades, incita a busca por incluir-se socialmente, de forma individual e dispara dispositivos de atalho na via da mobilidade social (OLIVEIRA, 2005). A autora analisa o delito na adolescência “exacerbada” e fora-de-lugar como expressão de uma autonomia reativa, de auto-afirmação do tipo individualista, narcisista e, muitas vezes, predatório.

A modificação dos valores, constatada na atualidade, trata-se da passagem de valores virtuosos para aqueles que dão visibilidade instantânea, sobre o superfície corporal e passam a ser reconhecidos como construção identitária no espaço midiático, das celebridades (FREIRE COSTA, 2004).

Anuncia-se uma mutação inédita, compatível com a economia neo-liberal desenfreada e uma subjetividade que se crê liberada de toda dívida para com as gerações precedentes, produzindo um sujeito sem história (DUFOR, 2005). A educação de mercado exige sujeitos flexíveis, acrílicos e adaptados ao catálogo, que coloca à venda os signos de promessas de felicidade. Criam-se, assim, as condições para o

elogio à delinquência e a recusa de escolhas éticas que obriguem a tomada de uma posição reponsável frente aos próprios atos.

A instrumentalização do desejo, pela idéia de felicidade ligada ao consumo, pode, frequentemente, estender-se ao objeto droga configurando-se em um modelo de consumação e de relação social.

A droga, para o toxicômano, é o encontro, a escolha de um objeto «adequado» que teria a facilidade de estar ao alcance da mão, ou seja, também pode ser compreendida como um atalho para a felicidade. É uma espécie de metáfora de todos os objetos, que transferiria seu poder designando um valor subjetivo: nós somos drogaditos de objetos (CALLIGARIS, 1991, p. 17-18).

Os apenados afirmam que o consumo é uma forma de reconhecimento, de mobilidade, de inclusão social, de aparentar uma igualdade, e de parecer cidadão, mesmo que de forma ilegítima. É este o sentido da fala a seguir:

Pro vagabundo, com certeza, se tu vai roubar, tu vai pegar, vamos fazer um exemplo, uns 40 mil... é dinheiro né, tu vai comprar o que tu necessita.... Vai sobrar um dinheiro pra ti, qual é o cara que não vai querer um tênis bonito, uma calça, bem arrumado, perfumado. Já vai, dá uma olhada e vai comprar um carrinho pra ti, é onde tu te emociona. Tu tem um monte de dinheiro, tu não vai tirar um fuca, uma bici, com certeza que não, tu vai comprar um Tempra, um Vectra, um carro bonito, um som bonito e aí, com certeza, um já vê e já sai comentário em toda a vila. Porque um trabalhador não tá assim... um trabalhador tá ganhando 240 real por mês, tem que tirar uns setecentos, oitocentos reais, é o último lançamento da Nike, da onde é que ele vai tirar? (Apenado do regime semi-aberto, participante do Grupo de Discussão).

As marcas dos produtos, referências identitárias, oferecem status, virilidade, uma boa imagem de si frente aos outros. Os referenciados à criminalidade compõem um cam-

po de influências que marcam destinos «sem saída», referendados por instituições, pais, gestores e profissionais de diferentes áreas.

Por outro lado, a oferta do mercado, longe de dar acesso aos desejos, é ouvida como uma ordem irrefutável, um dever a consumir que tornam as mercadorias objetos persecutórios, como se eles tivessem o poder de escolher seus usuários, de possuí-los, ocorrendo a inversão - um objeto para um sujeito.

Freire Costa (2004) refere que o aumento da criminalidade urbana não se deve apenas ao apetite irracional dos mais pobres por superfluidades que não podem comprar. Para ele, os delinquentes se apropriam violentamente dos bens materiais daqueles julgados privilegiados, como os cidadãos pacatos se apropriam imaginariamente dos corpos celebrizados. E todos querem reconhecimento, ascensão e um lugar social.

O que fica silenciado é a violência dos imperativos sociais de consumo, assim como o fato de que o uso de drogas responde a essa mesma lógica, tem uma função social de anestesiamiento do mal-estar social, assim como cria a ilusão de felicidade, pertencimento e mobilidade social. Cabe-nos desvelar os paradoxos da nossa sociedade de consumo e problematizar os discursos ideológicos que a sustentam na realidade brasileira.

## TRÁFICO: O LABOR NOSSO DE CADA DIA

Com o declínio do trabalho, situado no centro da crise social em que vivemos, decorrem importantes reflexões sobre o valor simbólico do trabalho na contemporaneidade, novas perspectivas de inserção no mercado, auto-gestão, e a transformação, proposta por Arendt (2001), do trabalho ao labor, o que contribui para a reflexão sobre o tráfico de drogas como uma atividade humana na socie-

dade de consumo.

O consumismo é um efeito da transformação histórica do trabalho artesanal em labor (ARENDRT, 2001), ocorrido com a Revolução Industrial. O conceito de labor é apresentado pelas formulações de Marx e Locke através da diferenciação e distância que vai ocorrendo entre a concepção de trabalho e de labor. Com os avanços tecnológicos, a criação de mercados, as melhorias nas condições de vida dos operários, associadas à velocidade na produção e venda de novos bens, muda a significação do ato de fabricar e comprar. Isto resulta que “as coisas do mundo moderno se tornaram produtos do labor, cujo destino natural é serem consumidos, ao invés de produtos do trabalho que se destinam a ser usados” (ARENDRT, 2001, p. 137). Neste sentido, o *homo faber*, fabricante de bens duráveis, passou a se perceber como *animal laborans*, produtor de objetos feitos para serem rapidamente descartados, acomodando assim o poder de compra individual ao ritmo da produção. O que é importante analisar, «é que com a vitória do *animal laborans* ou do consumidor, a utilidade deixou de ser um fim em si, deixou de ser o valor que legitimava o esforço humano para fabricar artefatos que sobrevivessem aos artífices. Surgiu uma concepção de vida na qual a utilidade se tornou serva da *felicidade*. Como também não é mais a aquisição de um produto com utilidade que é um fim em si, mas a própria venda» (FREIRE COSTA, 2004, p. 134).

Pode-se considerar o tráfico de drogas como *labor* no mercado informal e ilegal, uma vez que busca, como em qualquer mercado, a venda como sua meta final. Assim, não responde às necessidades reais ou úteis, mas à oferta de produtos para serem consumidos.

No laço social, o tráfico significa trabalho, convocando inúmeros jovens “vulneráveis e desamparados” (OLIVEIRA, 2005), que ten-

tam responder, com as condições que têm, as exigências básicas e de consumo, na posição de provedor da família:

Entre com 16 anos. É que eu nunca assaltei, nunca roubei, eu sempre trafiquei. A minha parte é tráfico, drogas. Por necessidade, né, entende, eu sou o irmão mais velho da minha família e meus pais... foi quando meu pai e minha mãe se separaram, há uns dez anos atrás, e meu pai me deixou, eu e mais três irmãos. Como é que ia trabalhar, cuidar de todo mundo? Como eles dizem, eu não tinha sangue pra assaltar, pôr uma arma na mão, não tinha coragem pra assaltar e pra roubar. E dizem que roubar é mais fácil. (Apenado, entrevistado no presídio semi-aberto de Novo Hamburgo).

Neste depoimento, depreende-se a complexidade situada na dimensão de uma tomada de posição no mundo, com exigências que extrapolam em demasia as condições que um sujeito tem para se fazer cargo de responsabilidades frente às considerações éticas que o amparam. A escolha que o rapaz fez, aos 16 anos, está pautada em dois argumentos: a preocupação em ter que cuidar de toda sua família, “todo mundo”, e o fato de considerar que, para o assalto e o roubo, precisa-se de “sangue” e coragem, o que ele não tinha. Portanto, escolhe estrategicamente algo de menor risco em relação às suas condições subjetivas. Somente a partir de uma escuta ética e de uma análise subliminar do discurso, torna-se possível cartografar as razões e as condições a que cada um está submetido ao realizar escolhas, calcular riscos e reduzir danos subjetivos e sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreendermos o uso de drogas e a criminalidade (tráfico de drogas) como fenômenos complexos, restos sociais, que refletem os paradoxos da realidade brasileira, des-

vela-se a multiplicidade de discursos que permeiam esses temas, podendo ser considerados efeitos e não causas, dependendo da leitura que se faz desta realidade.

A partir da análise crítica desenvolvida neste artigo, aponta-se que é uma ameaça social a falta de trabalho, que permitiria o acesso a bens e serviços, e que o tráfico transformado em *labor* é seu risco calculado.

Em um país que tem uma das piores distribuições de renda do mundo, o impacto dos ideais identitários calcados no consumo é avassalador. É considerado o fator que mais impulsiona a criminalidade, indicando, também, sua extensão em diferentes dimensões da vida em sociedade. Vivencia-se a cristalização de um imaginário que fixa estereótipos e mantém a exclusão (usuário de drogas, delinqüente apenado, entre outros). Tais aspectos são agravados pela falta de investimentos em políticas públicas compensatórias e integradas, e pelo desrespeito aos direitos humanos dos cidadãos.

É necessário discutir e avançar na construção de leis anti-proibicionistas, tema não debatido neste artigo, mas que tem profundo reflexo na visão e nos encaminhamentos dos problemas ligados ao consumo de drogas, aproximando-os, de forma direta e pouco ética, das questões referentes à criminalidade, fechando possibilidades de soluções construtivas e humanizantes, especialmente para a adolescência e juventude.

Um pacto civilizatório poderia dar voz ao que está emudecido, convidar à participação social e ao desenvolvimento de políticas públicas, vislumbrando projetos de vida e de futuro, que se contraponham à ausência de perspectivas de mobilidade social, à quebra dos valores como tolerância e solidariedade, à barbarização de nossa vida cotidiana, aspectos marcados pela crise ética em que vivemos.

Deixa-se, pois, em relevo que a miséria simbólica, transmitida pela dessimbolização no

contemporâneo, tem peso fundamental nas construções identitárias e no estilo de vida que estão sendo construídos em torno das drogas e da criminalidade na sociedade brasileira.

Chassaing (2004) indica a necessidade de desintoxicar a exacerbação decorrente dos discursos imperativos de felicidade, metamorfoseados através de diferentes instâncias: a educação, a ciência, a saúde, a justiça e o mercado das subjetividades.

Para finalizar, faz-se necessário retomar estes aspectos na prisão, pela oportunidade de uma aproximação com esta realidade, através da pesquisa que refere este artigo. O tratamento penal, no que tange ao respeito aos direitos humanos e de saúde, está longe de ser digno, o que significa trabalhar com as equipes o desenvolvimento de atividades incorporadas ao cotidiano, que visem à cidadania, à auto-estima, à redução de danos, à autonomia, bem como à preparação e a sustentabilidade de condições profissionais e subjetivas para sua realização.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BAUMAN, Z. **Globalização: conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **Le nouvel esprit du capitalisme**. Paris: Gallimard, 1999.

BRUCKNER, P. **L'euphorie perpétuelle: essai sur le devoir de bonheur**. Le Livre de Poche, 2002.

CALLIGARIS, C. À escuta do sintoma social. **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. v. 1, n. 1, 1991.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1999.

CHASSAING, J. L. Desintoxicar a França? **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 26, abr. 2004.

CHEMAMA, R. **Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano**. Porto Alegre:

CMC, 2002.

CONTE, M. A complexidade das relações entre violência, drogas e laço social. In: HARTMANN, F.; ROSA Jr., N. C. D. F. (Org.). **Violências e contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

COSTA, A. **Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DE MUNCK, J.; VERHOEVEN, M. **Les mutations du rapport à la norme: un changement dans la modernité?** De Boeck Université, 1987.

DUFOUR, D. R. **A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FREIRE COSTA, J. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GAUCHET, M. **La démocratie contre elle-même**. Paris: Gallimard, 2002.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1997.

GRUPO DE ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES SOBRE A VIOLÊNCIA. **Criminalidade e espaço urbano: as transversalidades da violência: relatório de pesquisa**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

JACQUES, J. P. **Le sujet entre les contraintes de la loi et les exigences des pulsions**. Conférence au Colloque Dépendances et libertés, Bélgica, nov. 2003.

LEBRUN, J. P. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LIPOVETSKI, G. **L'Ère du vide**. Paris: Gallimard, 1983.

MELMAN, C. **O Homem sem gravidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

OLIVEIRA, C. S. A complexidade das relações entre violência, drogas e laço social. In: HARTMANN, F.; ROSA Jr., N. C. D. F. (Org.). **Violências e contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.



ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SENETT, R. **The fall of the public man: on the social psychology of capitalism.** New York : Vintage Books, 1978.

VAN MEERBEEK, P. **L'infamille: la perversion du lien à l'aube du troisième millénaire.** De Boeck Université, 2003.

WOLFF, M. P. **Antologia de vidas e histórias na prisão.** Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2005.